

## **MATA-BORRÃO:**

### **UM GRANDE OLHO DE MADEIRA NO CENTRO DA PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE 1960**

#### **1º AUTOR**

CANEZ, Anna Paula; Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela PROPAR - Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS; Docente da Universidade FAU UniRitter; Porto Alegre; Brasil; [acanez@terra.com.br](mailto:acanez@terra.com.br) <sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Erguido em 1960 no centro de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, o Pavilhão de Exposições do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, do arquiteto Marcos David Heckman, todo em madeira, tornou-se um edifício icônico na memória do porto-alegrense. Conhecido popularmente à época como “Mata-Borrão”, por conta de sua inusitada forma elíptica, respondia à demanda do governador Leonel Brizola de expor as realizações de seu governo, notadamente no campo escolar, como as escolas ou “brizoletas” também construídas em madeira. Oscar Niemeyer já havia ensaiado forma semelhante em seu projeto para o auditório do Liceu Belo Horizonte, em 1954, embora com solução construtiva completamente diferente, em concreto armado. Heckman adotou, no pavilhão, o tradicional material da madeira, porém com solução formal e estrutural nada convencionais, ao explorar a geometria curva, a permeabilidade e a transparência das superfícies, dotando o edifício de extrema leveza, que contrastava fortemente com seu entorno. O impactante porém efêmero pavilhão, até hoje lembrado pela população, foi o resultado da conjuntura política, da liberdade permitida pela arquitetura efêmera, da opção pela madeira e das alusões de seu autor à arquitetura moderna brasileira.

Palavras-chave: Arquitetura de Madeira; Pavilhão de Exposições; Arquitetura Moderna.

#### **ABSTRACT**

Built in 1960 in the center of Porto Alegre, State of Rio Grande do Sul, Brazil, the Exhibition Pavilion of the State of Rio Grande do Sul, by architect Marcos David Heckman, integrally built in wood, became an iconic building in the memory of city residents.

---

<sup>1</sup> Acadêmico colaborador: João Paulo Silveira Barbiero (BIC UniRitter).

Popularly known as “Mata-Borrão”, (“Ink Blotter”), due to its unusual elliptical form, it responded to State Governor Leonel Brizola’s need for publicity regarding his government’s realizations, notably regarding education, with the many schools nicknamed “brizoletas” built throughout the State, also in wood. Oscar Niemeyer had already experimented with a similar elliptical form in his design for the Liceu auditorium in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil, in 1954, although with a completely different structural solution, in reinforced concrete. In the Porto Alegre pavilion Heckman adopted a more traditional technology, using wood, but with a very unconventional form and structure, exploring a curved geometry, transparency, and a sense of lightness that provided a strong contrast with its urban context. The striking but ephemeral pavilion is still remembered as the result of political circumstances, the formal liberty that such a project allowed, the choice of using wood, and its author’s references to modern Brazilian architecture.

Keywords: Wood Architecture; Exhibition Pavilion; Modern Architecture

#### RESUMEN

Erguido en 1960 en el centro de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, el Pabellón de Exposiciones del Gobierno del Estado de Río Grande do Sul, del arquitecto Marcos David Heckman, todo en madera, se tornó un edificio icónico en la memoria del porto-alegrense. Conocido popularmente en la época como “Mata-Borrão” (soporte para papel secante), por cuenta de su inusitada forma elíptica, respondía a una demanda del gobernador Leonel Brizola de exponer las realizaciones de su gobierno, notadamente en el campo escolar, como las escuelas o “brizoletas” también hechas en madera. Oscar Niemeyer ya había ensayado forma similar en su proyecto para el auditorio del Liceu Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, en 1954, sin embargo con una solución constructiva totalmente diversa, en hormigón armado. Heckman adoptó, en su pabellón, el tradicional material de la madera, pero con solución formal y estructural nada convencionales, al explorar la geometría curva, la permeabilidad y la transparencia de las superficies, conferiendo al edificio carácter muy leve, el cual contrastaba fuertemente con su entorno. El impactante pero efímero pabellón, recordado por la gente hasta hoy, fue el resultado de una conjuntura política, de la libertad permitida por la arquitectura efímera, de la opción por la madeira e de las alusiones de su autor a la arquitectura moderna brasileña.

Palabras clave: Arquitectura de Madera; Pabellón de Exposiciones; Arquitectura Moderna.

## MATA-BORRÃO:

### UM GRANDE OLHO DE MADEIRA NO CENTRO DA PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE 1960

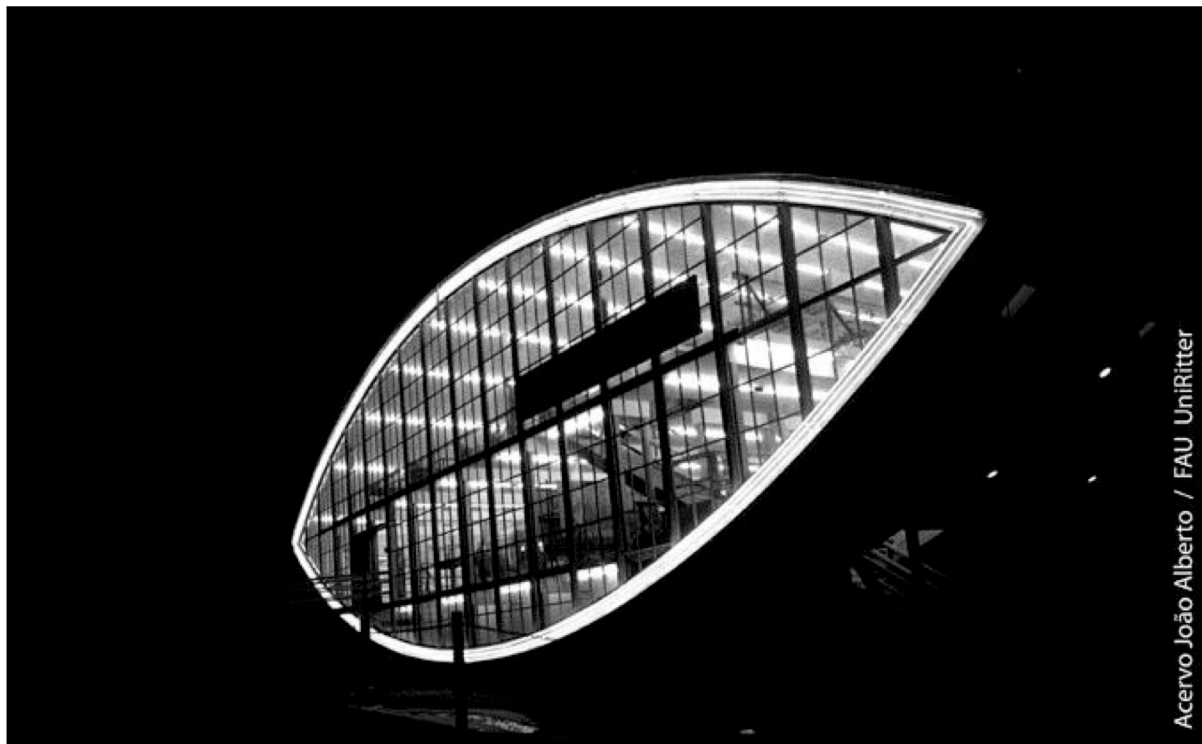


Figura 1. Tomada noturna do Pavilhão de Exposições do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (“Mata-Borrão”). Arquiteto Marcos David Heckman, 1960. Fotografia: João Alberto Fonseca da Silva. Fonte: Laboratório de História e Teoria da Arquitetura do UniRitter.

O Pavilhão de Exposições do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, do arquiteto Marcos David Heckman, todo construído em madeira, foi um edifício icônico, ainda presente na memória dos porto-alegrenses mesmo depois de passadas quatro décadas de sua demolição. Foi conhecido popularmente como “Mata-Borrão” na década de 1960, relacionado com o objeto, mais especificamente o modelo “bercinho”, utilizado para absorver o excesso de tinta de texto escrito com pena ou caneta tinteiro, desde há muito em desuso depois da disseminação das canetas esferográficas e outras que não mais depositam tinta em excesso no papel.

O poeta Mario Quintana brinca com as palavras ao se referir ao antigo objeto: “O mata-borrão absorve tudo. Como prêmio dessa receptividade e paciência, no fim da vida acaba confundindo e baralhando as coisas por que passou... O que não deixa de ser um jeito de esquecê-las”. (QUINTANA, s.d., p. 151)

No caso do pavilhão, apelidado por analogia formal ao antigo objeto, contrariando o poeta, ao contrário de tudo absorver, o edifício foi absorvido pela população; e aqueles que o viveram, jamais o esqueceram. O ranger característico da madeira ainda está presente na memória daqueles que percorreram os seus espaços, assim como a sua forte imagem, tão característica.

#### A JANELA DE UM PROJETO POLÍTICO





Figuras 2 e 3. Tomada noturna e vista diurna do Pavilhão de Exposições do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (“Mata-Borrão”). Arquiteto Marcos David Heckman, 1960. Fotógrafo: João Alberto Fonseca da Silva. Fonte: Laboratório de História e Teoria da Arquitetura do Uniritter.

Se os olhos são as janelas da alma, o Mata-Borrão, um grande olho de madeira construído no centro da Porto Alegre em 1960, pretendeu ser a janela do Estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente de um projeto político protagonizado pelo então governador do Estado, engenheiro Leonel de Moura Brizola. Em entrevista realizada recentemente com o arquiteto Marcos Heckman (1931), autor do projeto, essa associação foi a primeira a ser lembrada: “Não tenho uma lembrança muito nítida porque era algo feito às pressas no sentido de que era necessário expor as obras públicas do governo Brizola no ano da chamada ‘Escolarização’ (1960)” (HECKMAN, 2010).

A urgência referida por Heckman foi uma condicionante para a escolha do material e da técnica empregados na construção do Pavilhão do Governo do Estado, mais que o caráter efêmero normalmente associado a edifícios que servem como pavilhões de exposição, para os quais, de antemão, quase sempre prevê-se sua demolição depois de servir aos seus

propósitos originais.<sup>2</sup> Brizola tinha grande afã de demonstrar suas realizações e nada mais natural que o material escolhido tenha sido a madeira, cuja técnica de utilização era corriqueira nas construções no Rio Grande do Sul.



Figura 4. Fotografia interna tomada do 2o pavimento do Pavilhão de Exposições do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (“Mata-Borrão”). Arquiteto Marcos David Heckman, 1960. Fotógrafo: João Alberto Fonseca da Silva. Fonte: Laboratório de História e Teoria da Arquitetura do UniRitter.

O contexto da iniciativa, portanto, é indissociável das circunstâncias políticas que naquele momento inicial do governo Brizola requeriam a divulgação de suas realizações, notadamente no campo escolar, o que se torna mais claro quando Quadros esclarece o que segue:

---

<sup>2</sup> Desde o século XIX o tema do pavilhão de exposições ensejava soluções formalmente e estruturalmente ousadas por parte de arquitetos e engenheiros. O percurso da arquitetura moderna brasileira foi marcado por importantes realizações do gênero, desde o pavilhão do Brasil na Exposição de Nova York de 1939-1940, parceria emblemática de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, multiplicando-se ao longo dos anos 1950 e 1960, assim como outros edifícios efêmeros (como o da I Bienal de São Paulo, 1951, de Gregori Warchavchik) e pavilhões duráveis, que ganharam destinação definitiva (como os criados por Niemeyer para o IV Centenário da Cidade de São Paulo no Ibirapuera), e aqueles que seguiram o propósito usual de representar o Brasil em exposições internacionais, como os de Sergio Bernardes para Bruxelas (1958) e de Paulo Mendes da Rocha para Osaka (1970). Outro tipo de pavilhão, o stand de vendas realizado pelos irmãos Roberto em Petrópolis, partilha com o “Mata-Borrão” porto-alegrense o uso formalmente criativo da madeira. (N. do E.)

De 1959 a 1963, o estado do Rio Grande do Sul foi governado por Leonel Brizola, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nesse período, o governo do estado implementou o projeto educacional “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul”. Tal projeto resultou em significativa expansão quantitativa do sistema de ensino público do estado. Construíram-se prédios escolares que ficaram conhecidos como brizoletas ou escolinhas do Brizola, contrataram-se professores e um significativo número de novos alunos foram matriculados. Este processo ainda sobrevive na memória de grande parcela da população do Estado. (QUADROS, 2010, p. 1)

Também que:

Entre 1959 e 1963 foram construídos, de acordo com as especificações de cada um dos oito planos de construção, 1.045 prédios, com 3.360 salas de aula e com capacidade para 235.200 alunos, iniciada a construção de 113, com 483 salas de aula e capacidade para 33.810 alunos, e planejada a construção de outros 258 prédios, com 866 salas e capacidade para 60.620 alunos. Com o tempo, essas escolas, as brizoletas, se constituíram num símbolo e num evocador da memória do governo de Brizola no Rio Grande do Sul. (QUADROS, 2005, p. 16)

Decorreu desse programa educacional a construção de inúmeros prédios escolares, construídos em madeira em muitos municípios do Estado. Novamente Marcos Heckman nos revela uma questão fundamental relativa ao estágio de desenvolvimento das tecnologias pré-fabricadas, que atendessem às exigências de rapidez de execução, evidenciando que a escolha só poderia ter sido aquela:

Tentaram construir as escolas pré-fabricadas em metal, eu mesmo cheguei a visitar fabricas de estruturas metálicas em São Paulo, aqui ainda não difundidas, mas o recurso financeiro do Estado não era suficiente para tamanha novidade. (HECKMAN, 2010)

Nenhuma passagem ilustra melhor o que representou em termos de sucesso político a construção das escolas em madeira, rapidamente executadas, e tão facilmente absorvidas e festejadas pela população, que a transcreva abaixo:

-Professor, o que são brizoletas?

-Brizoletas são escolas construídas no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola, entre 1959 e 1963. Eram construídas no interior do Estado, em madeira.

-Ahh! Brizoletas são escolas!

-São. Você pensou que fossem o quê?

-Eu pensei que fossem flores.

-Flores?!

-Sim, eu li o título do seu livro “As brizoletas cobrindo o Rio Grande” e pensei que fossem flores que cobriam o Estado. (QUADROS, 2005, p. 49)

Nada mais adequado que a escolha do material e da técnica de construção também tenha se dado elegendo e valorizando a madeira na elaboração do projeto do Pavilhão de Exposições do Governo do Estado de Heckman. Pode-se mesmo afirmar que as construções em madeira, tornaram-se freqüentes, por razões políticas, no conjunto das inúmeras edificações realizadas pelo Governo do Estado no final dos anos 1950 e no início dos anos 1960, algumas delas hoje reconhecidas também por suas qualidades enquanto obras representativas da arquitetura moderna daquele período.

É o caso de outra obra de Heckman daquele mesmo período, que já naquele momento mereceu o reconhecimento de seus pares: a Escola do Parque Zoológico do Rio Grande do Sul. Construída também em madeira, foi premiada com a Grande Medalha de Bronze no II Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul, realizado de 20 de novembro a 10 de dezembro de 1962, justamente na sua outra obra edificada dois anos antes, o Pavilhão de Exposições do Governo do Estado (“Mata-Borrão”), conforme consta no Catálogo Geral do evento promovido pelo IAB-RS, dirigido na época por seu então presidente, o arquiteto Miguel Pereira.



Figura 5. Escola do Parque Zoológico do Rio Grande do Sul. Arquiteto Marcus David Heckman, 1962. Fonte: Acervo Marcos David Heckman.

A decisão de realizar a escola em madeira também se deu pela exigência recebida pelo arquiteto, enquanto funcionário da Secretaria de Obras Públicas, na época sob a supervisão do GAP - Gabinete de Assistência e Planejamento do Governo Brizola - dirigido pelo engenheiro Nilton Reis, depois substituído por Augusto Frederico de Castro, assessor direto do governador no que se referia a obras. O GAP era ainda integrado pelo economista Cibelis da Rocha Viana, e pelo urbanista Edvaldo Pereira Paiva que, por sua vez, tinha Heckman como assessor. Mais tarde, o GAP fundiu-se com o Conselho de Desenvolvimento do Estado e tornaram-se a Secretaria de Planejamento e Coordenação, e Heckman foi um de seus fundadores.

Nas obras do Zoológico não havia tempo para um grande detalhamento, pois “o Parque Zoológico pediu dez meses entre projeto e execução e assim foi cumprido, tal qual a solicitação. Em dez meses o Parque foi inaugurado”. (HECKMAN, 2010)

Também de Marcos Heckman foram premiadas as obras do Parque e Pórtico do Zoológico com, respectivamente, a Grande Medalha de Ouro e Grande Medalha de Prata do II Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul.

#### LOCALIZAÇÃO, ALUSÃO, ESTRUTURA E FORMA

O terreno escolhido para a construção do pavilhão, localizado na esquina da Avenida Borges de Medeiros com a Rua Andrade Neves e voltado para a Avenida Salgado Filho, local de grande circulação e importância do centro da cidade, já havia sido muito disputado e carregava uma história ligada a projetos não construídos. Em 1936, Fernando Corona e Egon Weindorfer participaram de um concurso de anteprojetos para a realização de um edifício de vinte andares para o Instituto de Previdência do Estado e o venceram. “Deste projeto não construído, foi publicada uma perspectiva, em livro comemorativo ao bicentenário da cidade, com o sugestivo título de “edifício do futuro” (CORONA, apud CANEZ, 1998, p. 44). Anos depois, em 1943, foi solicitado, pelo mesmo Instituto,

um estudo ao arquiteto Oscar Niemeyer, que não foi aprovado porque o engenheiro Bozzano, da Seção de Obras da Prefeitura, não achava o estilo próprio para a Avenida Borges de Medeiros, pois iria destoar das construções ao lado. (CORONA, apud CANEZ, 1998, p. 44)

Embora o moderno projeto do Edifício Sede do Instituto de Previdência do Estado de Niemeyer para o centro de Porto Alegre não tenha sido construído, é curioso observar que, dezessete anos depois, outra obra de Niemeyer tenha servido de referência para o efêmero Pavilhão de Exposições, erguido no mesmo terreno.

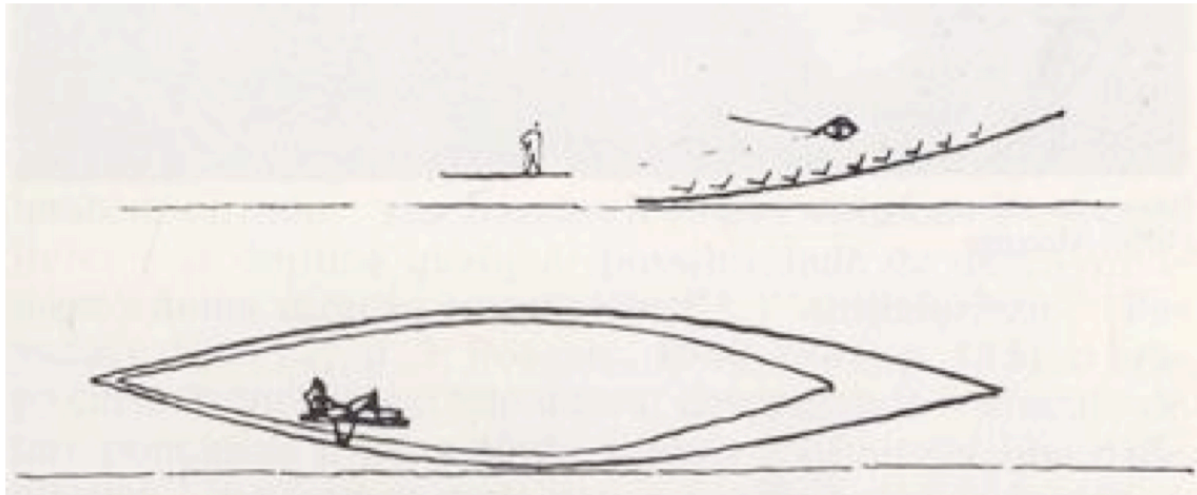


Figura 6: Auditório do Liceu Belo Horizonte. Arquiteto Oscar Niemeyer, 1954. Croquis. Fonte: PUPPI, 1988, p. 45.

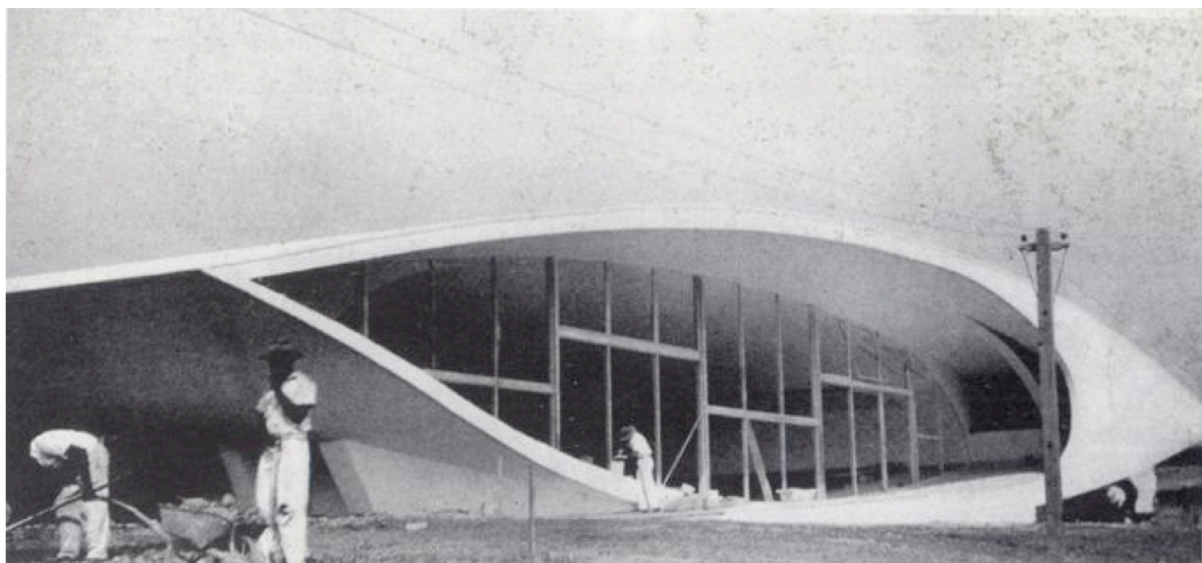


Figura 7: Obras do Auditório do Liceu Belo Horizonte. Arquiteto Oscar Niemeyer, 1954. Fonte: UNDERWOOD, 1994, p. 75.

Niemeyer já havia ensaiado forma semelhante em seu projeto para o auditório do Liceu Belo Horizonte, em 1954 (CAIXETA et al., 2003), embora com solução construtiva completamente diferente daquela de madeira do pavilhão projetado por Marcos Heckman, utilizando-se, como era recorrente em sua obra, da plasticidade do concreto armado.

No início dos anos 50, Niemeyer trabalha, sobretudo em Minas Gerais, favorecido pela estima e pelos impulsos de Juscelino Kubitschek, inclinado a dotar o Estado que

governa de serviços sociais, escolas primárias e secundárias (Diamantina, 1951; Belo Horizonte, 1954), bibliotecas públicas (Belo Horizonte, 1951), hotéis (Diamantina, 1951), etc. (...) veja-se no Liceu a alegria que explode na incrível elipse, sutil e estendida até limites quase insustentáveis (PUPPI, 1988, p. 46)

O auditório do Liceu, construído seis anos antes, em Belo Horizonte, também havia sido apelidado pela população local de “Mata-Borrão”. O “Mata-Borrão” de Porto Alegre foi diferente, diz Heckman, embora a alusão àquela obra de Oscar Niemeyer tenha sido manifestada pelo arquiteto.

Fiz com estrutura de madeira. Havia um percurso planejado, entrava-se pela Av. Borges de Medeiros, atravessando uma pequena rampa (que não é centralizada na fachada) e saía-se pela Andrade Neves. Havia também um mezanino e escada também em madeira. A exposição desenvolvia-se nos dois níveis e nos cantos era um vazio (na ponta da curva). A madeira ficava toda à vista com exceção do teto que possuía um forro, para não aquecer tanto o ambiente. Os painéis expositivos eram dispostos nos dois pavimentos. (HECKMAN, 2010)

Embora Marcos Heckman não nos tenha fornecido muitas informações sobre a solução estrutural do edifício, pode-se fazer uma análise a este respeito por meio das informações contidas em algumas de suas fotografias internas e externas, considerando que os desenhos arquitetônicos do pavilhão, conforme informações do arquiteto, não mais existem. Levemente ancorado por pilares de madeira, o “Mata-Borrão” surgia como que pousado sobre o solo. À noite, iluminado, o edifício transfigurava-se, e sua forma destacava-se ainda mais, passando a flutuar, na medida em que desapareciam suas amarras (CAIXETA et al., 2003).

A cobertura, formada por arcos muito leves de madeira, era sustentada por doze pilares, também de madeira, muito esbeltos. Internamente apresentava um forro leve, provavelmente um Eucatex frigorífico ou papelão de baixo peso. Os pilares, alinhados e divididos de seis em seis, estavam localizados nos limites extremos ou bordas das duas curvaturas, justamente para que fossem percebidos apenas externamente, como um plano formado por mastros, que também serviram, conforme indicam as fotos, para a colocação de bandeiras. Esta solução permitiu o desejado vão livre, perfeito para a função que o edifício abrigava; e, formalmente, fazia com que os pilares não competissem visualmente com a curvatura. Pode-se afirmar que a curva superior era estrutural, e que a curva inferior não era ativa como a superior, considerando que apresentava vigas e pilaretes que a apoiavam no solo (Figura 3).



Figura 8: Pavilhão de Exposições do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (“Mata-Borrão”) em obras. Arquiteto Marcos David Heckman, 1960. Fonte: Disponível em: <http://profciriosimon.blogspot.com/2010/05/niemeyer-em-porto-alegre-04.html>. Acesso em set. 2009.

Os tirantes (cabos de aço) estavam fixados nos pilares e atravessam longitudinalmente o pavilhão ao meio (Figura 9), absorvendo o empuxo horizontal e permitindo que os doze pilares das bordas recebessem somente a carga vertical, ou seja, o peso da cobertura superior e, parcialmente, o peso da cobertura inferior.

Tal solução, com a presença dos cabos de aço, permitiu também um desenho esbelto e simples para os pilares. Por outro lado, a estrutura do mezanino era convencional, composta por pilares e vigas que sustentavam seu soalho de madeira.



Figura 9: Fotografia interna do Pavilhão de Exposições do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (“Mata-Borrão”). Arquiteto Marcos David Heckman, 1960. Fotógrafo: João Alberto Fonseca da Silva. Fonte: Laboratório de História e Teoria da Arquitetura do UniRitter.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A solução estrutural dada ao pavilhão, e sua inusitada forma inserida na paisagem da cidade, além de nada convencional, demonstrou ser possível fazer arquitetura moderna com um material tradicional; e, seguramente, exigiu um desenvolvimento e detalhamento posterior ao anteprojeto realizado pelo arquiteto, provavelmente pela firma de engenharia que o executou. O pavilhão não foi uma obra tão controlada, como as outras obras de arquitetura moderna do período. Nas palavras de Heckman: “justamente por que era efêmera pude adotar uma forma inusitada em relação às demais” (HECKMAN, 2010).

O pavilhão “Mata-Borrão” também teria a função didática de mostrar e demonstrar as possibilidades da tecnologia da construção moderna e de uma nova idéia de espacialidade arquitetônica. Lugar da intensidade, de natureza ornamental, o “Mata-Borrão” atuava como ponto chamariz na cidade. Sua estrutura e forma inusitadas, suas cores, luzes e

neons, criavam um ambiente festivo que disputava a atenção dos passantes e visitantes (CAIXETA & FROTA, 2009).

Visto na fotografia aérea, o pavilhão surge efetivamente como um corpo estranho justaposto às outras construções modernas do centro da cidade. A imagem mostra, também, em meio à massa construída do centro de Porto Alegre, o emblemático edifício do Palácio da Justiça (1953), em obras. Fruto de concurso público vencido por Luis Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet, representou um marco de modernidade ao adotar os cinco pontos corbusianos. Para Marcos Heckman, na sua formação, a “parte teórica veio principalmente de Le Corbusier, e a prática de Oscar” (HECKMAN, 2010).



Figura 10: Tomada aérea da área central de Porto Alegre, na qual se vêem o Pavilhão de Exposições do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (“Mata-Borrão”) e os edifícios do Palácio da Justiça e Jaguaribe em obras. Fotógrafo: Valdir Bicca, sócio do fotógrafo João Alberto Fonseca da Silva no Estúdio Jawal. Fonte: Laboratório de História e Teoria da Arquitetura do UniRitter.

O Mata-Borrão, visto assim do alto, recorda mesmo uma nave espacial, um objeto não identificado que poderia ter pousado em qualquer outro local da cidade. Esta leitura pode

ser reforçada também quando observamos as fotografias realizadas do solo, do ângulo de quem estivesse na Avenida Borges de Medeiros: da passarela, descentralizada e em rampa do pavilhão, poderiam, na livre imaginação associada aos filmes de ficção científica, sair do transparente edifício seres extraterrestres. Brincadeiras à parte, decerto se pode afirmar que o edifício estimula a imaginação e remete a associações várias.



Figura 11: Vista diurna do Pavilhão de Exposições do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (“Mata-Borrão”). Arquiteto Marcos David Heckman, 1960. Fotógrafo: Joao Alberto Fonseca da Silva. Fonte: Laboratório de História e Teoria da Arquitetura do UniRitter.

O impactante edifício, até hoje lembrado pela população, foi o resultado de um desejo político, da liberdade permitida pela arquitetura efêmera, da opção pela madeira e das alusões de seu autor à arquitetura moderna brasileira.

## REFERÊNCIAS

CAIXETA, Eline M. M. P.; CANEZ, Anna Paula; CARUCCIO, Margot; LIMA, Raquel; MAGLIA, Viviane. Acervos Azevedo Moura & Gertum e João Alberto Fonseca da Silva: Memória da

Arquitetura Moderna em Porto Alegre. **Anais do 5o Seminário DoCoMoMo Brasil**. São Carlos: SAP/EESC/USP, 2003.

CAIXETA, Eline M. M. P.; CANEZ, Anna Paula; CARUCCIO, Margot; LIMA, Raquel; MAGLIA, Viviane. **Acervos Azevedo Moura & Gertum e João Alberto: Imagem e construção da modernidade em Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2004.

CAIXETA, Eline M. M. P. & FROTA, José Artur D'aló. **Arquiteturas efêmeras: Dois momentos de modernidade na arquitetura gaúcha. Anais do 8o Seminário DoCoMoMo Brasil**. Cidade moderna e contemporânea: Síntese e paradoxo das artes. Rio de Janeiro: 2009, pp. 1-12.

CANEZ, Anna Paula. **Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre/Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998.

CATÁLOGO Geral do II Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IAB-RS, 1962.

CORONA, Fernando. **Caminhada de Fernando Corona - Tomo I** [s.l.:s.n.] Manuscritos em forma de diários.

HECKMAN, Marcos. Entrevista realizada por Anna Paula Canez e acadêmico João Paulo Barbiero, em agosto de 2010.

PUENTE, Moisés. **Pabellones de exposicion: 100 anos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

PUPPI, Lionello. **A arquitetura de Oscar Niemeyer**. São Paulo: Revan, 1988.

QUADROS, Claudemir de. **Brizoletas: A ação do Governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963)**. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&top=viewFile&path%5B%5D=56&path%5B%5D=58>. Acesso em setembro de 2010.

QUADROS, Claudemir de. **Marcas do tempo: Imagens e memórias das brizoletas**. Santa Maria: UNIFRA, 2005.

QUINTANA, Mario. **Porta giratória: Mata-borrão**. S.d.

UNDERWOOD, David. **Oscar Niemeyer and the architecture of Brazil**. New York: Rizzoli, 1994.

UNDERWOOD, David Kendrick. **Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

XAVIER, Alberto & MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1987.